

OS MARCADORES CONVERSACIONAIS NA INTERAÇÃO ENTRE IDOSOS

Janayna Bertollo Cozer Casotti*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo verificar as funções desempenhadas pelos marcadores conversacionais no diálogo entre idosos. Para isso, será examinado, com base em fundamentos teóricos da Análise da Conversação, um fragmento de texto oral que apresenta como tema *relacionamento amoroso* e que compreende um diálogo em que interagem duas informantes idosas. Os resultados dessa investigação permitem comprovar as funções específicas que os marcadores conversacionais desempenham, na medida em que promovem a condução e a manutenção do tópico discursivo e estabelecem a solidariedade conversacional entre os interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores Conversacionais. Análise da Conversação. Interação entre Idosos.

ABSTRACT

This article has the purpose of verifying the functions performed by the conversational markers in the dialogue among elderly people. Therefore, based in the theoretical foundations of Conversation Analysis, it will be observed an oral text fragment which presents a *loving relationship* as a theme and contains a dialogue in which two elderly women interact. The results of this examination provide evidence of the specific functions the conversational markers perform, as they promote the guidance and maintenance of the discursive topic and establish the conversational solidarity between the two speakers.

KEYWORDS: Conversational Markers. Conversation Analysis. Elderly People Interaction.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os marcadores conversacionais constituem estratégias discursivas que instauram a ligação entre as unidades cognitivo-informativas do texto falado e entre seus interlocutores. Devido à frequência com que ocorrem na fala e à importância para a estruturação da coesão e da coerência no texto falado, pretendemos, neste trabalho, verificar as funções desempenhadas por esses elementos no diálogo entre idosos.

Para isso, primeiramente, apresentaremos os pressupostos teóricos, com base nas pesquisas de Marcuschi (2003); Urbano (1999); Fávero et al (1999); Castilho (1989) e Preti

* Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória- ES. E-mail: janaynacasotti@uol.com.br.

(1991, 2004). Em seguida, analisaremos um fragmento de inquérito do tipo D2, que compreende um diálogo em que interagem duas informantes: a Locutora 1, com 63 anos, solteira, professora aposentada, e a Locutora 2, com 78 anos, viúva, dona de casa. Esse diálogo apresenta como tema *relacionamento amoroso*.

OS MARCADORES CONVERSACIONAIS NA ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

Já é consenso entre os estudiosos da Análise da Conversação que a função dos marcadores conversacionais, ainda que não integrem o conteúdo cognitivo do texto, é servir de ligação entre as unidades cognitivo-informativas do texto e entre seus interlocutores, revelando sempre alguma função interacional na fala. Nesse sentido, como afirma Urbano, esses articuladores marcam

de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal (URBANO, 1999, p. 85-86).

Urbano (1999, p. 86-91) tipifica os marcadores, considerando, para isso, o aspecto formal, o semântico e o sintático, bem como suas funções comunicativo-interacionais.

Quanto ao aspecto formal, os marcadores podem ser linguísticos e não-linguísticos. Os linguísticos são de natureza verbal (lexicalizados, como: *é mesmo? né? olha*; ou não-lexicalizados, como: *uhn, ah, ahã*) ou de natureza prosódica (pausa, entonação, alongamento, mudança de ritmo e de altura). Os não-linguísticos ou paralinguísticos, como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação, são fundamentais na interação face a face, pois sinalizam as relações interpessoais. A esse respeito, Marcuschi (2003, p. 63) afirma: “uma palmadinha com a mão durante um turno, um olhar incisivo ou um locutor que nunca enfrenta seu parceiro significam muito”.

Quanto ao segundo aspecto, Urbano aponta o esvaziamento semântico dos marcadores conversacionais. A nosso ver, entretanto, uma vez que se constituem em recursos de que os falantes se utilizam para testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor, os marcadores são mecanismos orientadores dos falantes entre si e, portanto, são relevantes discursivamente. Além disso, vale lembrar os elementos que conservam parte do sentido e da função sintática originais, assumindo também uma função pragmática. Como poderemos verificar na análise do *corpus*, isso acontece com o marcador *assim* que, mesmo preso a uma

estrutura oracional, como adjunto adverbial, também apresenta função modalizadora de hesitação do falante, ligando-se, portanto, à situação enunciativa.

Quanto ao aspecto sintático, os marcadores verbais, lexicalizados ou não, são, na maioria dos casos, sintaticamente independentes e entonacionalmente autônomos. E embora apresentem liberdade posicional, Urbano destaca que

a frequência com que certos marcadores ocorrem em determinadas posições tem levado os estudiosos a classificarem-nos como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais eles estão envolvidos. Assim, marcadores como **Bom** e **Bem** costumam iniciar turnos, enquanto outros como **sabe?** e **certo?** costumam encerrá-los (URBANO, 1999, p. 90).

Marcuschi (2003, p. 61) também apresenta as posições em que os marcadores podem figurar: “na troca de falantes, na mudança de tópicos, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares. Fundamentalmente, eles podem operar como *iniciadores* (de turno ou unidade comunicativa) ou *finalizadores*”.

Quanto às funções comunicativo-interacionais exercidas pelos marcadores, podemos destacar a função geral de organizar o texto. Tal função comporta duas outras mais específicas: a *interpessoal*, que serve para a administração do turno conversacional, e a *ideacional*, que é acionada pelos falantes para a negociação do tema e seu desenvolvimento. (Cf. CASTILHO, 1989, p. 273-274)

Em outras palavras, os marcadores têm a função de conduzir e orientar as atividades dos falantes, articulando relações e sustentando a interação. Portanto, as funções interacionais comandam estratégias adotadas pelos interlocutores na constituição e manifestação de suas identidades sociais.

O marcador desempenha sua função genérica, uma vez que se constitui em elemento que contribui para a articulação do texto, encadeando-o coesiva e coerentemente. A propósito das funções específicas dos marcadores, afirma Urbano:

São específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de asserir ou perguntar (URBANO, 1999, p. 100).

Como nosso objetivo é investigar as funções dos marcadores conversacionais no diálogo entre idosos, trataremos, na próxima seção, das características centrais da linguagem dos falantes dessa faixa etária.

A LINGUAGEM DOS IDOSOS

Ao apresentar características da fala de idosos velhos, ou seja, idosos com mais de 80 anos, na dinâmica de interação verbal, relacionando-as às mudanças que o envelhecimento provoca no comportamento linguístico, Preti (1991) dá grande contribuição aos estudos da conversação de falantes nessa faixa etária, posto que coloca em xeque a visão preconceituosa com que foi – e, muitas vezes, ainda é – tratada a linguagem dos idosos. Para Preti,

as condições sociais em que os idosos vivem na sociedade contemporânea (pelo menos nas grandes cidades) permitem-nos caracterizá-los como um ‘grupo de minoria’, sujeito a um tratamento estigmatizador por parte da comunidade, a ponto de não conseguirem mais definir um papel social que lhes permita preservar a própria imagem social. Esse conflito com o meio ambiente tem suas conseqüências na comunicação lingüística dos idosos, com marcas específicas ao nível prosódico, léxico, sintático e, principalmente, discursivo ou conversacional (PRETI, 1991, p. 15).

Decerto, deveria haver uma relação estreita entre o aumento da população idosa no mundo e a atenção dada a esse grupo social na comunidade, mas isso não ocorre. Os inúmeros asilos ou, de forma pleonástica, as inúmeras *casas de repouso* acabam comprovando a verdade dessa afirmação. Segundo Preti (2004, p. 38), estudos feitos nos Estados Unidos “mostraram que a discriminação por causa da idade é tão forte quanto à revelada com relação ao sexo e à raça”.

Na contramão desse raciocínio preconceituoso, o linguista destaca que pausas excessivas, repetições, abandono de segmentos, sobreposição de vozes, assalto e entrega de turno são ocorrências normais na interação entre idosos, visto que tais fenômenos se associam a fatores socioculturais e psicofísicos que justificam o comportamento linguístico desses falantes. Para ele,

é inegável que a velocidade das transformações da vida contemporânea acaba por contrastar violentamente com o natural declínio de habilidade dos idosos em vários setores da atividade social, entre os quais o mais importante, o processo de comunicação lingüística, quer como falante, quer como ouvinte. À lentidão das reações dos idosos na conversação corresponde uma notável impaciência em ouvi-los, em compreendê-los, em fazê-los entender, que caracteriza nossa sociedade, em particular, a urbana (PRETI, 2004, p. 40).

Para tratar da (dis)fluência, Preti destaca os dois níveis em que se pode analisar tal aspecto: um, mais restrito, que implica os traços prosódicos, ou seja, velocidade e pausas na

fala; e outro, mais amplo, que compreende a sequenciação discursiva. No caso específico dos idosos, o que chama a atenção é que a disfluência associa-se tanto ao ritmo de voz quanto à ruptura na organização discursiva:

A descontinuidade é um fenômeno absolutamente normal na linguagem oral, nos falantes de qualquer faixa etária (...) Embora normais, os problemas de continuidade, nos vários níveis de análise, podem ser exacerbados por deficiências psicofísicas do falante ou pela ação de condicionadores sociais. É o que ocorre com a linguagem do idoso, que por isso se torna marcada (PRETI, 1991, p. 33).

E assim vão surgir as repetições, os anacolutos, as parentéticas, as pausas, as hesitações, as autocorreções, elementos que se intensificam na linguagem dos idosos, mas que, no dizer de Preti (1991, p. 50), são “mecanismos estratégicos que eles usam para compensar problemas de disfluência que ocorrem ao nível prosódico e para os quais esses falantes não têm solução”.

Preti também trata das marcas lexicais que constroem a categoria tempo-espço na linguagem dos idosos, apresentando sempre como referência um momento do passado. Assim, quando se pede para falar a respeito do *seu* tempo, a disposição que o idoso revela é muito maior do que a dos outros falantes. Segundo o linguista, isso revela uma característica marcante da linguagem: “o prazer de falar para ouvintes atentos e interessados; a satisfação de lembrar” (PRETI, 1991, p. 18).

De fato, o discurso do idoso, embora apresente certa disfluência, no que diz respeito à topicalidade, manifesta a habilidade deles em conduzir, provocar a ruptura ou a mudança do tópico, com vistas a manifestar-se em relação ao passado e ao presente.

Em seu discurso, os idosos também se utilizam de marcadores conversacionais. Como esses elementos proporcionam uma visão melhor do que é específico da fala, dando-nos a medida da naturalidade, procuraremos verificar, a partir da análise de um fragmento de inquérito do tipo D2, quais marcadores ocorrem na linguagem dos idosos e quais seriam suas funções.

MARCADORES CONVERSACIONAIS NA INTERAÇÃO ENTRE IDOSOS: ANÁLISE DE UM DIÁLOGO ENTRE DUAS *IDOSAS JOVENS*

O fragmento de inquérito sob análise é um diálogo entre duas informantes a propósito do tema *relacionamento amoroso*. A gravação tem 60 minutos, dos quais 5 foram transcritos.

O trecho transcrito compõe o anexo deste trabalho. Nele, *as idosas jovens*, conforme denominação de Preti (1991, p. 26), desenvolvem os tópicos *namoro*, *casamento* e *família*, entremeados por repetições, hesitações, pausas, características da linguagem dos idosos.

Dentre os fenômenos que caracterizam o trecho de conversação sob análise, deter-nos-emos, nos marcadores conversacionais, a fim de que possamos verificar, pela classificação desses elementos, as funções que eles apresentam.

Quanto ao aspecto formal e sintático, no texto sob análise, há marcadores lexicalizados produzidos por L2 (mulher, 78 anos, viúva, dona de casa, 3ª faixa etária), como: *e* (linha 4), *ai* (linhas 4, 11, 12, 14, 17, 19, 42, 43, 44, 97), *então* (linha 29), *porque* (linha 2), *pra mim* (linha 98), e também produzidos por L1 (mulher, 63 anos, solteira, professora aposentada, 3ª faixa etária): *é mesmo?* (linha 10), *e* (linha 1), *ai* (linha 22), *foi* (linha 59), *pois é* (linha 66), *não?* (linha 78), *sim...* (linha 85), *então...* (linha 108), *assim* (linha 30).

No caso dos não-lexicalizados, além dos *uhn* (linhas 13, 39, 52, 80, 82), *ahn... ahã* (linha 15), *uhn... ahã* (linhas 47, 73, 110), *ahã* (linhas 62, 85, 101, 103), *eh* (linhas 62, 64, 106), *ah* (linhas 34, 37, 70), *ahn* (linhas 37, 41) de L1, pronunciados em turnos autônomos; há as emissões de L2, como *ah* (linhas 42, 49, 55, 95), *ahã* (linhas 63, 65, 74), que não integram a estrutura oracional sintaticamente, mas a entremeiam.

Produzidos por L2, esses marcadores frequentemente preenchem pausas indicativas de hesitação, marcam momento de planejamento cognitivo do texto, ou ainda, sustentam o turno discursivo, uma vez que é essa informante que conta a história de seu relacionamento amoroso. Já os de L1, produzidos durante o turno da parceira, geralmente em sobreposição, demonstram atenção à história narrada, interesse, acompanhamento, assentimento ou discordância; orientam L2, monitorando-o quanto à interlocução, sendo, por isso, denominados *marcadores de monitoramento*, os quais equivalem a turnos.

No início do fragmento sob análise, uma entonação ascendente interrogativa constitui um *marcador de pergunta*, que, dirigido à interlocutora, acaba por desencadear o tópico discursivo: a narração do primeiro encontro amoroso:

(1) 1 L1 e como é que a senhora conheceu o o tio Toneca?

Na sequência acima, a simples formulação da pergunta já garantiu o desenvolvimento do tópico, visto que se trata de pergunta aberta, cuja finalidade é a captação de informações.

Tal pergunta é reconhecida por meio do marcador introdutório *como*, reforçado pela expressão de realce *é que*.

Como marcadores não-lexicalizados produzidos por L2, o texto registra quatro ocorrências de *ah* (linhas 42, 49, 55, 95); três de *ahã* (linhas 63, 65, 74), que sinalizam momentos de hesitação, revelando aspectos relacionados às condições de produção e transmissão do texto falado. São, por isso, denominados *marcadores de hesitação*, muito comuns na linguagem dos idosos. Segundo Preti (2004, p. 49), ainda que a hesitação seja comum no discurso de todos os falantes, ela “ganha maior freqüência no discurso dos ‘idosos velhos’, porque, conforme sabemos, o processo de envelhecimento prejudica gradativamente a memória (e, com mais intensidade, a memória dos fatos recentes) e a audição”.

Todavia, o texto analisado não apresenta somente esses marcadores de hesitação, mas muitos outros, cujo objetivo é manter o turno e planejar a sequência. Por se tratar de marcador com alta freqüência, recorrência e função, ressaltamos os seguintes:

- Alongamentos: *o::* (linhas 4, 40, 71), *o::olha* (linha 28), *não::* (linha 43), *ah::* (linha 55), *a::* (linha 68), *a::hã* (linha 88), *já::* (linha 92), *eh::* (linha 106).
- Pausas: ocorrem com muita freqüência, devido ao caráter rememorativo do discurso, neste caso, por se tratar de um diálogo entre duas idosas:

(2)	56	L1		eu lembro... a senhora até quis me
	57		chamar pra ir lá tomar conta daquela/cuidar da da sua menina...	
				[
	58	L2		da Nininha lá a Nininha
				[
	59	L1		foi... da sua primeira m/
	60		lá... lá onde mo/ mora o...	
				[
	61	L2		veio a Nair Pedreste depois a Nair Pedreste...

No trecho acima, a pausa produzida por L1 em *mora o...* pode significar também pedido de socorro, por isso L2 auxilia a parceira, completando-lhe o enunciado, em sobreposição de voz (linha 61).

- Pausas preenchidas por elementos lexicais, como se poderá ver adiante com o marcador *assim* (linhas 30 e 75).
- Repetições de palavras ou expressões:

Trata-se, aqui, de uma interrupção sintático-semântica, em que L1 abandona, após o *com*, o enunciado iniciado com caráter indagativo de pergunta aberta (Como era o seu relacionamento com o titio?), optando por outra estrutura sintático-semântica: a de pergunta com modalizador (*assim*), sentida com uma preferência negativa esperada, assim como aconteceu (linha 75).

No caso específico do texto sob análise, cujos interlocutores são pessoas idosas (uma de 63 e outra de 79 anos), os momentos de hesitação não são decorrentes de desconhecimento do assunto, pois a rememoração do passado faz parte da própria organização discursiva do idoso. Antes disso, resultam da sua natural lentidão psicofísica, agravada por lapsos de memória, os quais atingem o vocabulário ativo que vai decrescendo com a idade.

Outro tipo de marcador frequente no texto é o de *teste/busca de apoio para a progressão conversacional* ou *busca de aprovação discursiva*, produzidos tanto por L1 quanto por L2 e normalmente situados no final de *unidades comunicativas*, com a intenção de frisar a proposição que finalizam. O texto apresenta dois tipos: *né* (cinco ocorrências produzidas pelo locutor 2: linhas 23, 69, 93, 107, 109, e cinco pelo locutor 1: linhas 30, 31, 67, 92, 99) e *não foi?* (uma ocorrência produzida pelo locutor 1: linha 54), num total de onze marcadores.

Esses marcadores podem ocorrer como marca de passagem consentida ou forçada de turno. A ocorrência da linha 67 exemplifica um encerramento de turno, com passagem consentida da vez, enquanto a da linha 30 exemplifica uma passagem forçada, decorrente de súbita discordância de L2 em relação ao que estava sendo dito por L1, obrigando-o a desistir da direção que imprimia à sua fala e a ouvir o esclarecimento de L2:

- | | | | |
|------|----|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
| (9) | 66 | L1 | pois é... e... e... e... e quantos filhos a senhora teve ao todo? pri/ os mais velhos eram as |
| | 67 | | meninas né? |
| | 68 | L2 | as meni/as quatro menina mais velha a Nininha... Hermínia a:: Lur/ Maria de |
| | 69 | | Lurde e a Ana e a Rita né... |
| (10) | 30 | L1 | foi assim um... um aMOR assim a va/vista né? a primeira |
| | 31 | | vista né? |
| | 32 | L2 | [|
| | 33 | | ele tinha tanto amor mas eu não tinha tanto amor a ele não B... |

Esses testadores de apoio do interlocutor, às vezes, vêm precedidos e/ou seguidos de pausa. Como exemplo, citamos as sequências abaixo, nas quais as pausas que sucedem ao

testadorné... evidenciam a expectativa do falante quanto à manifestação de apoio ou atenção do seu interlocutor:

- (11) 107 L2 tanto que trabalha ela me ajuda a fazer isso fazer aquilo né...
[
108 L1 então...
109 L2 ajuda pra nós ter interesse de ter alguma coisa na vida né...
[
110 L1 uhn... ahã

Por fim, analisamos o marcador *assim*, que continua mais ou menos preso a uma estrutura oracional, ligando-se sintaticamente a *bom*, numa função de adjunto adverbial (*advérbio de frase*), ao mesmo tempo em que se liga à enunciação – daí a denominação *advérbio de enunciação* – numa função modalizadora, sinalizando a hesitação do falante:

- (12) 75 L1 e com/ e o seu relacionamento tia... com o titio... é:: era... era... assim bom:: ele cuida/ele
76 ele...ti/ era carinhoso com a seNHOrá... como é que...

Desse modo, sob o aspecto pragmático, o *assim* constitui estratégia de *preenchimento de pausa*, podendo acarretar ruptura no plano linguístico para facilitar o momento de planejamento verbal.

No trecho em análise, a hesitação é também marcada pelo alongamento no *bom::*, pela reelaboração lexical em *ele cuida/ ele ele... ti/ era carinhoso* e pelas constantes pausas meditativas que aparecem ao longo do turno de L1, o que é muito comum na linguagem de um idoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui realizada comprova as funções que podem ser desempenhadas pelos marcadores conversacionais, os quais, no dizer de Fávero et al (1999, p. 49), “promovem a condução e manutenção do tópico discursivo, instaurando a solidariedade conversacional entre os interlocutores, na medida em que propiciam dinamismo e continuidade à interação”.

Tanto no discurso de falantes mais jovens quanto no de idosos, empregam-se marcadores conversacionais. O fato é que, no discurso dos idosos, a intensificação dos marcadores que sinalizam pausas, hesitações, truncamentos, repetições se deve a fatores psicofísicos, como, por exemplo, maior lentidão de reação, problemas de memória e de

audição, e também a fatores socioculturais, como a situação estigmatizadora do idoso na sociedade.

Dessa forma, concordamos com Preti, quando insiste

no fato de que os idosos demonstram, dentro de suas condições, uma resistência à situação em que vivem na comunidade, procurando nos atos conversacionais mecanismos discursivos que lhes permitam manter a interação verbal com outros falantes, preservando sua imagem social, já tão desgastada pelo processo natural de envelhecimento (PRETI, 1991, p. 125).

Por essa razão, os fatores psicofísicos e socioculturais precisam ser levados em conta quando se trata do discurso de falantes idosos, uma vez que podem explicar o comportamento linguístico desses falantes.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Para o estudo das unidades discursivas. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

FÁVERO, Leonor Lopes et al. *Oralidade e Escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos: um estudo de Análise da Conversação*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

URBANO, Hudinilson. *Marcadores Conversacionais*. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

ANEXO

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 60 minutos

Tempo transcrito: 5 minutos

Tema: relacionamento amoroso

Locutor 1: mulher, 63 anos, solteira, professora aposentada, 3ª faixa etária

Locutor 2 : mulher, 78 anos, viúva, dona de casa, 3ª faixa etária

- 1 L1 e como é que a senhora conheceu o o tio Toneca?
2 L2 porque eu vim numa festa em São Pedro...
3 L1 [uhn
4 L2 e durmimo aí no Bepe Main e... e... e... e o: ((riso)) e na casa da da da finada nona
5 sua nona [da
6 L1
7 nona minha nona
8 L2 ele tava ali e a Nair do Bepe Main falou “TIO... vão lá na mam/vão lá em casa que tem/
9 chegou duas moça boNIta lá em casa tio
10 L1 [é mesmo?
11 L2 vão lá tio”... aí ele falou “cê sabe que eu vou mesmo então espera que eu vou junto com
12 você”... aí ele pegou ela/ele veio com ela...
13 L1 [uhn
14 L2 aí eu tava na janela e ele ficou do lado fora... conversando comigo [ahn... ahã
15 L1
16 L2 e naquilo ele falou assim... “amanhã quando cês vão embora eu posso ir?”... eu falei
17 “pode” ((risos)) aí... [e ali deu continuidade
18 L1
19 L2 [aí continuou...
20 L1 continuaram namorando?
21 L2 continuamo namorando () [e aí casou?
22 L1
23 L2 e depois eu casei então né...
24 L1 a senhora namorou quanto tempo?
25 L2 sete mês só
26 L1 sete meses... só? [quatro mês de namoro ele queria casar
27 L2
28 L1 [o:ilha
29 L2 com QUAtro mês de namoro então ele queria... [foi assim um... um aMOR assim a va/vista né? a primeira
30 L1
31 vista né? [ele tinha tanto amor mas
32 L2
33 eu não tinha tanto amor a ele não B... [ah não?
34 L1
35 L2 não falo a pura verdade eu não tinha tanto amor a ele não... eu tinha mais amor o outro

36 rapaz que eu namorava que eu deixei o outro pra namorar com ele
[]

37 L1 ah sim... namorava [] ahn
38 L2 porque o primo Lui o meu primo...
[]

39 L1 uhn
40 L2 que era o primo Lui... falou “E. larga o:: o Mantuani que era o Angelin Mantuani...
[]

41 L1 ahn
42 L2 larga o Mantuani que o Toneca diz que casa com você... aí eu falei assim... “ah num
43 acredito... não:: eu não acredito não”... aí ele falou assim “não eu te juro que ele jurou
44 que... que ele vai enfrentar até casar mesmo”... aí eu falei “então tudo bem... então aí eu
45 fui e larguei o Mantuani naquela mesma noite do casamento do finado Fioravante meu
46 irmão...
[]

47 L1 uhn... ahã
48 L2 era dia do casamento... e eu larguei o Mantuani e comecei a conversar com ele ele falou
49 “sabo posso vim?” eu falei “pode”... mas eu falei com o Mantuani ah quando ele foi
50 embora eu falei “não vem mais não eu não quero mais namorar com você não... ((risos))
51 []
52 L1 uhn... cê
53 sabe tia que eu... eu... eu lembro vocês moravam lá onde era o Saqueto lá/recém-
54 casados... não foi?
[]

55 L2 ah:: bom sim... lá nasceu a primeira menina a Nininha nasceu lá...
[]

56 L1 eu lembro... a senhora até quis me
57 chamar pra ir lá tomar conta daquela/cuidar da da sua menina...
[]

58 L2 da Nininha lá a Nininha
[]

59 L1 foi... da sua primeira m/
60 lá... lá onde mo/ mora o...
[]

61 L2 veio a Nair Pedreste depois a Nair Pedreste...
[]

62 L1 eh... ahã... eu lembro... eu lembro disso...
[]

63 L2 ahã
64 L1 eh... eu lembro dos seus meninos eh... pequenos...
[]

65 L2 ahã
66 L1 pois é... e... e... e... e quantos filhos a senhora teve ao todo? pri/ os mais velhos eram as
67 meninas né?
68 L2 as meni/as quatro menina mais velha a Nininha... Hermínia a:: Lur/ Maria de
69 Lurde e a Ana e a Rita né...
[]

70 L1 ah sim
71 L2 depois então continuou o Severino... o Hervídio... o Valdacir... o:: o Zé... o Roberto e o
72 Carlo que são seis filho homem...
[]

73 L1 uhn... ahã...
74 L2 ahã...
75 L1 e com/ e o seu relacionamento tia... com o titio... é:: era... era... assim bom:: ele cuida/ele
76 ele...ti/ era carinhoso com a seNHOrã... como é que...
[]

77 L2 carinhoso nada querida...
[]

78 L1 não?

79 L2 não era carinhoso te falar a pu/-- não é pecado contar mentira...--
[
80 L1 uhn
81 L2 B. ele/ porque eu pedi um beijo a ele...
[
82 L1 uhn
83 L2 se eu não falasse “olha... eu te dou tanto do beijo toda noite” eu beijava ele não tenho
84 vergonha de falar não
[
85 L1 sim... ahã...
86 L2 eu beijava ele toda noite eu falei “de hoje em diante... eu não vou te dar mais nenhum
87 beijo que você não TEM coração de me dar um beijo?
[
88 L1 a::hã
89 L2 de solteiro você queria até me... me...
[
90 L1 sim...
[
91 L2 me...
[
92 L1 queria já:: né? te...
[
93 L2 queria né?
[
94 L1 é eu sei
95 L2 ah... cê já sabe mais ou menos
[
96 L1 sim
97 L2 aí eu falei assim “desde que de solteiro você queria agora depois de casado nem um beijo
98 cê num me dá”... ele me deu um beijo B... pra mim parece que eu tivesse ido no CÉU...
99 L1 é né
[
100 L2 no dia que ele me deu aquele beijo... pra mim me senti TÃO feliz na minha vida...
[
101 L1 ahã
102 L2 que pra mim parecia que eu tivesse suMIDO de alegria
103 L1 ahã
[
104 L2 mas senão ele nunca me deu um abraço e um beijo que falasse coitada da minha
105 velha...
[
106 L1 eh:::
107 L2 tanto que trabalha ela me ajuda a fazer isso fazer aquilo né...
[
108 L1 então...
109 L2 ajuda pra nós ter interesse de ter alguma coisa na vida né...
[
110 L1 uhn... ahã